

4. Leia abaixo dois excertos de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

“Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade.”

(...)

– Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos.

– Mas ler agora, com esse escuro?

– Acendes o fogo lá fora.

– Mas, com a chuva, a lenha toda se molhou.

– Então vamos acender o fogo dentro do machimbombo. Juntamos coisa de arder lá mesmo.

– Podemos, tio? Não há problema?

– Problema é deixar este escuro entrar na cabeça da gente. Não podemos dançar nem rir. Então vamos para dentro desses cadernos. Lá podemos cantar, divertir.”

(Mia Couto, *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.10 e 152.)

a) No primeiro excerto, descreve-se a relação da personagem com o espaço narrativo.

Considerando o conjunto do romance, caracterize a identidade narrativa de Muidinga em relação a esse espaço e explique por que o território era “despido de brilho”.

b) No segundo excerto, o diálogo das duas personagens principais do romance aborda a questão da leitura e sua função para a situação existencial dos protagonistas. Explique o que seriam os “escritos” e “cadernos” mencionados e por que neles os protagonistas poderiam “cantar e divertir”.

COMENTÁRIO

- a) O “miúdo” (menino) Muidinga pode ser caracterizado como a voz narrativa de uma identidade futura de Moçambique, especialmente se visto em relação ao velho Tuahir (com sua representatividade do passado histórico) e o jovem Kindzu (que, morto, personifica um presente já perecido). O território em questão, “despido de brilho”, é assim caracterizado porque Moçambique passava por uma dura guerra civil (sequência, por sua vez, da Guerra de Independência contra Portugal). Assim, o lugar era uma terra desolada, triste e sem perspectivas, onde “tudo parece desmaiado”.
- b) Os “escritos” e “cadernos” eram os diários de Kindzu, encontrados por Muidinga e Tuahir numa mala próxima ao “machimbombo” (ônibus) incendiado que abrigava os dois caminhantes. Na produção de Kindzu (já falecido) há espaço para “cantar e divertir” porque, em sua fantástica trajetória narrativa, o jovem protagonista - na busca por ser um guerreiro naparama e, depois, por reencontrar Gaspar, filho perdido de sua amada e infeliz Farida - alia eventos maravilhosos e inverossímeis à descrição crua e realista dos eventos sociais, dando à criação artística a possibilidade (ainda que fantasiosa) de evasão e contemplação do belo.